

A Resposta do homem a Deus
(CIC 142-184)
Parte I

142. **Pela sua revelação, «Deus invisível, na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (1). A resposta adequada a este convite é a fé.**

143. **Pela fé, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador (2). A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador (3).**

Artigo 1
EU CREIO

I. A obediência da fé 144-149

Obedecer (ob-audire) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria. A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8)

A fé supõe confiar em Deus que, como verdade infalível, não pode enganar e como poder e bondade infinita tudo pode e quer o bem supremo para o homem, que consiste na eterna comunhão plena com ele, deve deixar-se guiar por sua Palavra como fez Abraão, com as incógnitas que isso pode acarretar humanamente, mas com a humildade inteligente de reconhecer que não pode compreender de imediato a grandeza da meta a que Deus o quer conduzir. Confiante, porém, descobrirá aos poucos a sabedoria e a beleza do plano divino, que lhe retribuirá além de toda medida os sacrifícios incorridos ao longo do caminho, enchendo-o de eterna e jubilosa admiração pela grandeza das coisas feitas nele por Deus, assim como cantado da Virgem Maria, no hino do Magnificat.

A Igreja, depois de tudo, venera a mais pura realização da fé em Maria. Inspirada pelo próprio Deus a permanecer virgem para fazer de sua vida uma entrega total a ele, ela aceitou com fé o anúncio do anjo Gabriel, acreditando que, apesar de sua intenção de virgindade, "nada é impossível para Deus" (Lc 1,37), e consentindo em tornar-se a Mãe do Filho de Deus sem a ajuda de um homem: "Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra." (Lc 1,38). Em Nazaré, **Nossa Senhora realiza o maior ato de fé da história**, ou seja, ela acredita que, permanecendo virgem, teria dado à luz o Filho de Deus, e graças a sua fé acontece o evento mais importante da história da humanidade, a Encarnação e a redenção do mundo.

O primeiro apelo que Deus nos faz através de seu mensageiro é um apelo à Fé: Meu Deus, eu creio! A fé é a base de toda a vida espiritual. É pela fé que cremos na existência de Deus, em seu poder, em sua sabedoria, em sua misericórdia, em sua obra redentora, em seu perdão e em seu amor de Pai. É pela fé que cremos na Igreja de Deus, fundada por Jesus Cristo. É a luz da fé que guia os nossos passos, conduzindo-nos pelo caminho estreito que conduz ao Céu. É pela fé que vemos Cristo em nossos irmãos e os amamos, os servimos e os ajudamos quando precisam de nossa ajuda. E é também pela fé que nos chega a certeza de estar sempre sob o olhar de Deus, sempre na sua presença: é um olhar de luz, onipotente e imenso, que se estende por todas as partes, que tudo vê, tudo penetra com a única claridade do próprio Sol divino, diante do qual o Sol, o que vemos e que nos ilumina, nada mais é do que um pálido reflexo, uma tênue centelha que emana da luz do imenso Ser que é Deus. (Irmã Lúcia , Apelos da Mensagem de Fátima).

A fé é confiar-se em Deus, à sua palavra, a sua condução da nossa vida nas estradas escuras e impenetráveis da existência. A fé é saber que na origem de tudo está um Pai, que nos tirou do nada por amor. Não viemos ao mundo por erro, sem que ninguém nos tivesse previsto ou nos desejado. Não estamos, portanto, à mercê de um acaso gélido e cego: estamos nas mãos de quem nos ama e nunca nos abandona, "o qual deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tm 2,4).

A fé é aprender e ter a certeza de que o Filho de Deus veio fazer-se um de nós, para que nele pudéssemos ter uma vida mais elevada e resplandecente do que a das criaturas terrenas que não têm consciência nem esperança. **Crer, portanto, significa ver as coisas com os olhos de Cristo**, julgar as ideias e os acontecimentos à luz de seu ensinamento, tornar-se capaz de uma nova maneira de amar os outros, que é a mesma maneira clara e desinteressada com que ele os ama.

Fé é perceber que o Espírito Santo, enviado a nós pelo Senhor ressuscitado, **age em nossos corações**, nos ajuda a distinguir o bem do mal, nos estimula a trilhar o caminho certo, nos induz a nos comportar - em um mundo briguento e duro - como homens de misericórdia e paz. (Cardeal Giacomo Biffi, Homilia 13/11/2001)

Clemente Baroni diz que seu filho uma vez o perguntou: - Pai, me faz ver Deus? Por que me diz que eu tenho que obedecê-lo, tenho que amá-lo mesmo quando não gosto? Se O visse, talvez seria mais fácil! - Mas tu sentes capaz de vê-lo? - Sim - Bem: mas antes de tudo tenhas que verificar se tem bons olhos. E eu o levei para o jardim. E indiquei para o sol: - Olhe para lá, e fixe-o bem com os olhos abertos. - Depois de alguns momentos a criança deslumbrada gritou que não conseguia manter os olhos abertos: - Dói-me! - Como? - o pai retrucou - Tu não podes olhar para o sol e esperas que eu te mostre Deus? - Então eu dei a ele um vidro defumado, e com isso o menino podia olhar para o sol. "Este vidro - conclui o Baroni - é o símbolo da fé".

II. «Eu sei em quem pus a minha fé» [CCC 150-152]

Antes de mais, a fé é uma adesão pessoal do homem a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus. Crer em Deus também significa crer em Seu Filho Unigênito Jesus Cristo porque ele mesmo é Deus, o Verbo feito carne, sob a influência do Espírito Santo, Ele também Deus, com o Pai e o Filho.

Ela tocou delicadamente a orla do manto, aproximou-se com fé, acreditou e soube que estava curada... Se nós também queremos ser salvos, toquemos com fé no manto de Cristo , 6, 56, 58 [PL 15, 1682-1683]). Estás persuadido de que nossa fé deve ser uma fé humilde? Quem és tu, quem sou eu para merecer o chamado de Cristo? Quem somos nós para estar tão perto dele? Como aquela pobre mulher confusa entre a multidão, Ele também nos ofereceu uma oportunidade. E não porque mal tocamos em seu manto, porque tocamos a bainha de seu manto por um momento. Nós O possuímos totalmente. Ele se entregou totalmente a nós, no Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Alimentamo-nos dEle todos os dias, falamos com Ele intimamente, como falamos com nosso pai, como falamos com o Amor. E tudo isso é realmente verdade. Não é imaginação. (Josemaria Escrivà, Amigos de Deus)

Os Evangelhos nos mostram que Jesus sempre elogia a fé e sempre concede graça àqueles que acreditam em sua onipotência.

Sem fé não se pode viver, não se pode agir. O agricultor não semeia se não tiver fé que a semente germinará. Tu nunca irias embora se não tivesse fé para chegar. Ninguém jamais procuraria se não tivesse fé para encontrar. Sem fé tu não podes agir, sem fé tu não podes viver. E todos têm uma fé, mesmo aqueles que se dizem ateus. Ele não acreditará em Deus, mas acreditará em algum ídolo. Será um ídolo de carne, será um ídolo de ouro, será ele mesmo, será uma mulher... Mas em alguém ou em algo ele acreditará. O homem vive do absoluto, e se rejeita o Absoluto, absolutiza o relativo; se rejeita o Criador, diviniza a criatura. Portanto, não há crentes e ateus, mas fiéis e idólatras. Ou adoradores de Deus ou adoradores de homens e coisas; ou amantes da grandeza divina ou amantes da mesquinhez humana. Qualquer outro que não seja Deus é sempre relativo e limitado; por isso vem a decepção, a amargura, as lágrimas.

Se tu tenhas a Fé, por que choras? Da pobreza? Existe a Providência. Da adversidade? Deus luta contigo. De ingratidão? Deus vai te pagar de volta. Da solidão? Deus está ao teu lado. De humilhações? Deus vai te exaltar. Das perseguições? Deus vai te salvar. De tuas pessoas defuntas? Deus os devolverá a ti. Do teu passado? Deus vai apagar. Do teu futuro? Deus vai prepará-lo. De tua morte? Deus vai te ressuscitar. (Giovanni Albanês).

III. Características da fé [153-165]

A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele.

«Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá "a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade"» (Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática Dei Verbum, 5).

O Espírito Santo, infundindo no coração o amor a Deus, **comunica à mente aquela luz que lhe permite penetrar mais facilmente e claramente nas verdades divinas**, tornando doce ao livre arbítrio do homem a decisão de consentir á ela. **Crer é um ato do intelecto que, sob o impulso da vontade movida por Deus pela graça, dá seu consentimento à verdade divina** (S. Tomás de Aquino, Summa theologiae, II-II, q. 2, a. 9, c) .

Creemos "pela autoridade do próprio Deus que os revela, que não pode ser enganado nem enganar". "Contudo, para que a obediência da nossa fé seja "conforme com a razão", Deus quis que a ajuda interior do Espírito Santo fosse acompanhada também de provas externas de sua revelação". Assim, os milagres de Cristo e dos santos, as profecias, a difusão e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e a sua estabilidade "são sinais certos da revelação divina, idôneos a todo o entendimento", são motivos de credibilidade que mostram que o assentimento de a fé não é "um movimento cego do espírito".

Há, na fé, uma luz divina que te faz compreender toda verdade revelada como verdadeira, mesmo quando a razão não consegue penetrá-la além de um certo limite.

O espírito de fé nos impele a querer conhecer cada vez mais profundamente o mistério de Deus. Quanto mais um ama e acredita em Deus, mais deseja conhecê-lo; conhecendo-o mais, acredita-se nele e ama-o mais: "Acreditar para compreender: compreender para crer" (Santo Agostinho, Sermo 43).

A Resposta do homem a Deus (CIC 142-184) Parte II

Fé e ciência

"Muito embora a fé esteja acima da razão, nunca pode haver verdadeiro desacordo entre ambas: o mesmo Deus, que revela os mistérios e comunica a fé, também acendeu no espírito humano a luz da razão. E Deus não pode negar-Se a Si próprio, nem a verdade pode jamais contradizer a verdade". «É por isso que a busca metódica, em todos os domínios do saber, se for conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as normas da moral, jamais estará em oposição à fé: as realidades profanas e as da fé encontram a sua origem num só e mesmo Deus.»

A fé e a razão são como as duas asas com as quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecê-lo para que, conhecendo-o e amando-o, ele também alcance a verdade plena sobre si mesmo. (João Paulo II, Fides e Ratio).

A teologia se esforça, com a ajuda da razão, para conhecer melhor as verdades que se possuem pela fé; não para torná-los mais brilhantes em si mesmos - o que é impossível - mas mais inteligíveis para o crente. Este desejo, quando autêntico, nasce do amor a Deus e deve ser acompanhado pelo esforço de aproximar-se cada vez mais dEle.

Para que a resposta da fé seja humana, deve ser livre. Afinal, não faria sentido impor isso, pois **Deus quer estabelecer conosco uma relação baseada no amor e isso nunca pode obrigar, pressupõe por sua natureza uma livre escolha.** A obrigação de amar é uma contradição que não pode salvar nem dar alegria. Deus quer o nosso coração e é somente quando o damos livremente a Ele que podemos participar de sua vida e de sua alegria e um dia desfrutar da plenitude do amor de Deus por toda a eternidade.

Crer em Jesus Cristo é necessário para ser salvo, pois: "Em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:12).

A fé deve ser nutrida e sustentada com a leitura e meditação da Palavra de Deus e com a oração, atua pela caridade e deve estar enraizada na fé da Igreja e no seu Magistério.

A fé faz saborear algo da paz e da luz que se desfrutará plenamente no Paraíso, mas que é frequentemente vivida neste mundo nas trevas, porque as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa Nova, podem fazer vacilar a fé e tornar-se uma tentação para ela. No entanto, Deus sempre nos dará graça suficiente para superar todas as provações e manter nossa liberdade de escolha: "Deus deu ao mundo luz suficiente para aqueles que querem acreditar, mas também deixou sombras suficientes para aqueles que não querem acreditar." (Blaise Pascal).

A esta altura, diante de uma realidade tão excelente e decisiva, é fácil ficar um pouco perplexo e intimidado, de modo que cada um de nós é levado a se perguntar: mas na verdade do meu ser, creio ou não creio? Acho que, pelo menos a nível psicológico, muitas vezes se pode ter a impressão de que a fé e a descrença se confrontam no coração de cada homem, e a prevalência de uma ou de outra é oscilante e alternada. Proponho então que cada um faça sua não só a oração dos Apóstolos ("Senhor, aumenta a minha fé!"), Mas também a do pai do menino epilético, como relata o Evangelho de Marcos: " Creio! Vem em socorro à minha falta de fé! "(Mc 9:24).

À primeira vista, pareceria uma expressão contraditória: esse homem aflito creia ou não creia? E, em vez de uma inteligência mais substancial e penetrante, essas palavras demonstram que entendem em sua concretude existencial o mistério do coração humano, com suas perturbações e seus anseios irreprimíveis pelo absoluto. (Cardeal Giacomo Biffi, Homilia 13/11/2001)

Devemos dirigir o nosso olhar para os santos que, homens como nós, com as suas forças e fraquezas, mantendo o olhar fixo em Jesus, apesar mas também graças a várias e duras provações, preservaram e aperfeiçoaram a fé.

A Resposta do homem a Deus

(CIC 142-184)

Parte III

Artigo 2 NÓS CREMOS

166. A fé é um acto pessoal, uma resposta livre do homem à proposta de Deus que Se revela. Mas não é um acto isolado. Ninguém pode acreditar sozinho, tal como ninguém pode viver só. Ninguém se deu a fé a si mesmo, como ninguém a si mesmo se deu a vida. Foi de outrem que o crente recebeu a fé; a outrem a deve transmitir. O nosso amor a Jesus e aos homens impele-nos a falar aos outros da nossa fé. Cada crente é, assim, um elo na grande cadeia dos crentes. Não posso crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé.

167. «Eu creio» (44): é a fé da Igreja, professada pessoalmente por cada crente, principalmente por ocasião do Baptismo. «Nós cremos» (45): é a fé da Igreja, confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, de modo mais geral, pela assembleia litúrgica dos crentes. «Eu creio»: é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus pela sua fé e nos ensina a dizer: «Eu creio», «Nós cremos».

I «Olhai, Senhor, para a fé da vossa Igreja»

Recebemos a fé na Igreja fundada por Jesus, ela é a depositária e o canal que permite a sua transmissão de geração em geração, por isso podemos considerá-la como a mãe que não só nos gera, mas também nos educa para a fé.

A comunidade de fé não cria a si mesma. Não é uma assembleia de homens que têm ideias em comum e que decidem trabalhar pela difusão dessas ideias. Então tudo seria baseado em sua própria decisão e, em última análise, no princípio da maioria, ou seja, em última análise, seria a opinião humana. Uma Igreja assim construída não pode ser para mim garantia de vida eterna nem exigir de mim decisões que me façam sofrer e que contrariem meus desejos. Não, a Igreja não se fez por si mesma, foi criada por Deus e é continuamente formada por Ele. Isso encontra sua expressão nos sacramentos, antes de tudo no batismo: entro na Igreja não por um ato burocrático, mas por um sacramento. E isso

equivale a dizer que sou acolhido em uma comunidade que não se originou de si mesma e que se projeta para além de si mesma. (Entrevista com o Papa Emérito Bento XVI por Jacques Servais S.J. 16 de março de 2016)

II. A linguagem da fé 170-171

Como mãe, a Igreja nos ensina a linguagem da fé não para nos ensinar fórmulas abstratas como um fim em si mesmas, mas para nos ajudar a compreender as realidades da fé e incorporá-las em nossa vida.

Os discípulos, vendo o figo murchar, ficaram maravilhados e disseram: "Como ficou seca num instante a figueira?" (Mt 21, 20). Estes primeiros doze, apesar de terem testemunhado tantos milagres de Jesus, voltam a ser tomados de espanto; a fé deles ainda não era ardente. Por isso o Senhor declara: "Em verdade vos declaro que, se tiverdes fé e não hesitardes, não só fareis o que foi feito a esta figueira, mas ainda se disserdes a esta montanha: Levanta-te daí e atira-te ao mar, isso se fará..." (Mt 21, 21). Jesus Cristo coloca esta condição: viver pela fé para então poder mover montanhas. Há muitas coisas para remover... no mundo, mas sobretudo em nossos corações. Tantos obstáculos à graça! Fé, portanto; fé operativa, fé disposta ao sacrifício, fé humilde. A fé nos transforma em criaturas onipotentes: "Tudo o que pedirdes com fé na oração, vós o alcançareis." (Mt 21,22).

A fé não é apenas para ser pregada, mas sobretudo para ser praticada. Muitas vezes, talvez, sintamos as forças falhando. Voltemo-nos então para o Evangelho e comportemo-nos como o pai do menino lunático. Ele queria a salvação de seu filho e esperava que Cristo o curasse, mas não podia acreditar plenamente em tal felicidade. E Jesus, que sempre pede fé, vendo a insegurança daquela alma, exorta-a: "Disse-lhe Jesus: Se podes alguma coisa!... Tudo é possível ao que crês." (Mc 9,23). Tudo é possível: somos onipotentes! Desde que houver fé. Aquele homem percebe que sua fé é insegura, teme que sua falta de confiança impeça que seu filho fique bom. E ele chora. Não nos envergonhemos deste clamor: é fruto do amor de Deus, da oração contrito, da humildade. O pai da criança respondeu chorando: "Creio! Vem em socorro à minha falta de fé!" (Mc 9, 24). No final desta meditação, somos nós, agora, que dizemos essas mesmas palavras. Senhor, eu creio! Fui educado na tua fé, decidi seguir-Te de perto. Repetidas vezes ao longo da minha vida, implorei por tua misericórdia. No entanto, repetidamente me pareceu impossível que Tu pudesse fazer tantas maravilhas no coração de teus filhos. Senhor, eu creio! Mas Tu ajuda-me para que eu acredite mais e melhor! E dirijamos também as nossas orações a Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, Mestra da fé: Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento das palavras do Senhor (Lc 1,45). (Josemaria Escrivà, Amigos de Deus)

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Na proporção da pureza que um tiver na fé, desfrutará do contato com o Senhor. Se somos impuros, manchados, empoeirados, enlameados, há opacidade em nós e Deus não pode ser visto.

O vidro embaçado dá opacidade, ofusca e por isso acredito que muitos problemas e muitas crises de fé dependem da opacidade que se produziu na capacidade visual.

A fé é alimentada pela pureza. Quanto mais puro uma pessoa é, mais é capaz de entrar em contato e intimidade com Deus. Quanto mais imaterial se torna, mais tem a capacidade de ver Deus. Almas puras e limpas de dentro podem ver Deus.

A mortificação ajuda a pureza e aumenta a visão de Deus.

III. Uma só fé 172-175

Os Apóstolos receberam a fé do mesmo Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus. Sendo a verdade divina uma só, os Apóstolos e seus sucessores difundiram os mesmos conteúdos da fé por todo o mundo. É significativo o que Santo Irineu afirma neste sentido: "Na realidade, a Igreja, embora espalhada por todo o mundo até os confins da terra, tendo recebido a fé dos Apóstolos e seus discípulos, preserva esta pregação e esta fé com cuidado e, como se morasse em uma única casa, acredita nela da mesma forma, como se tivesse uma só alma e um só coração, e prega as verdades da fé, ensina e as transmite com uma voz unânime, como se tivesse só uma boca... De facto, se as línguas do mundo são várias, o conteúdo da Tradição é contudo único e idêntico. E nem as Igrejas que estão na Alemanha, nem as que estão na Espanha, nem as que estão entre os celtas (na Gália), nem as do Oriente, Egito, Líbia, nem que estão no centro do mundo, têm outra fé ou tradição." "A mensagem da Igreja é, portanto, verdadeira e sólida, pois ela indica ao mundo inteiro apenas um caminho de salvação". (Santo Irineu de Lyon, Adversus haereses).

Todas as grandes potências e os grandes prepotências, que triunfam e parecem eternos, ou mais cedo ou mais tarde vacilam e vão à ruína, enquanto o povo de crentes (sempre frágil, sempre contestado, sempre temporariamente derrotado) nunca falha: é o único agregado que está sempre presente em todas as épocas históricas, sempre empenhada em cantar os louvores do seu Senhor e manter-se na expectativa confiante do Reino de Deus.

Vladimir Solovev, comemorando seu amigo Dostoiévski, pronunciou palavras incisivas a esse respeito que merecem séria consideração de nossa parte: "Não se deixe seduzir pelo domínio visível do mal - disse ele - e não negue por sua atratividade o bem invisível: este é o ato heroico da fé. Nela reside toda a força do homem. Quem não for capaz disso não fará nada e não terá nada a dizer à humanidade. Os chamados homens práticos - aqueles que olham apenas para os fatos - vivem da vida alheia; eles não são os criadores da vida. A vida é criada por homens de fé. Podem ser julgados visionários, utópicos, insanos; em vez disso, são profetas, são os melhores homens, são os guias da humanidade" (Segundo discurso sobre Dostoiévski).

O cristianismo deve ser considerado como um todo vital, no qual cada parte é solidária com a outra. Tente quebrar um cristal de segurança: basta quebrá-lo em um lugar e todo o resto desfaça. Assim é com a religião cristã: o ensinamento de Jesus Cristo é um todo inseparável.